

O MUNDO DA TÉCNICA, A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E O MERCADO DA FÉ: Uma análise sobre a técnica neoliberal em Byung-Chul Han e suas implicações no neopentecostalismo

Rodrigo Santos de Souza¹

Resumo

O presente artigo teve como principal objetivo apresentar a relação entre a técnica neoliberal conceituada pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han para com as práticas discursivas do neopentecostalismo. Mas, para isso, foi feita uma análise minuciosa sobre a técnica. A partir da fundamentação de Martin Heidegger que buscou um entendimento sobre a essência da técnica, fazendo uma análise sobre ela desde o período grego antigo, foi evidenciado que ela, a partir da modernidade, não se restringia apenas a um ato de criação humana, mas se tornou uma provocação da natureza. A mudança da técnica para tecnologia fez o filósofo alemão denominar sua contemporaneidade como o mundo da técnica. Para Han, nossa contemporaneidade também vive num mundo da técnica, das técnicas ou práticas neoliberais, sendo uma delas os discursos positivos. Foi demonstrado como essas técnicas neoliberais discursivas se relacionam como o novo fenômeno pentecostal, pois através desta pesquisa, ficou evidente que existem discursos de empoderamento pessoal nas igrejas neopentecostais.

Palavras chave; Técnica; Neoliberalismo; Neopentecostalismo; Martin Heidegger; Byung Chul Han

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte de uma inquietação com o presente, um temor sobre a ideia de evolução tecnológica a qualquer custo, um espanto com os altos índices de doenças psicológicas, um esgotamento dos discursos utópicos que extingue o limite biológico e psíquico dos indivíduos o fazendo de animais imortais, tais discursos que parecem não estar apenas nos ambientes corporativos, mas que também se adentrou nas igrejas evangélicas. Esse trabalho consiste numa análise sobre as técnicas neoliberais ditas por Byung-Chul Han fazendo aplicações com o neopentecostalismo. Byung-Chul Han, filósofo contemporâneo, sul coreano e herdeiro do

¹ Aluno do curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), participante do Programa de Iniciação Científica da FAPCOM. Email: 191283@sou.fapcom.edu.br. Artigo orientado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo de Souza Aguiar.

pensamento heideggeriano, sustenta que vivemos num mundo da técnica, a técnica neoliberal ou como ele conceitua: a *psicopolítica*, que nada mais é do que técnicas de poder aplicadas na psique dos indivíduos para que tenham maior produção e desempenho. Uma das variadas técnicas para alcançar tais objetivos são os discursos de positividade. Para Han, estamos numa sociedade do cansaço, do desempenho, nos tornamos empresário de si mesmo. Mas, afinal, qual a relação com o neopentecostalismo?

De início, faz-se necessário uma análise sobre a técnica desde a modernidade, afinal, tudo se deriva de uma causa e não se pode compreender o presente sem entender o passado. O filósofo moderno e alemão do século passado Martin Heidegger, já diagnosticou sua contemporaneidade como a era da técnica, a era da transformação da natureza em fonte de energia, em outras palavras, a técnica moderna, segundo ele, fez o mundo globalizado. Mas, será que a fundamentação de Heidegger consegue responder todos os fenômenos técnicos do século XXI? Nos explica algo sobre o advento dos discursos neoliberais de autoajuda?

A terceira onda do pentecostalismo ou como é comumente chamado “neopentecostalismo”, é uma vertente protestante que se iniciou junto com o neoliberalismo. Nela, existe uma busca incessante por elevação financeira, o fiel é individualizado e responsável pelo seu sucesso e pelo seu fracasso, é uma forma de religiosidade onde a espiritualidade se abraça com o mercado. Em suma, este trabalho busca o entendimento sobre a técnica do presente fazendo um paralelo ou aplicações, principalmente no que tange aos discursos, com o neopentecostalismo ou melhor dizendo: o mercado da fé.

1- A técnica em Martin Heidegger

Ao senso comum, a técnica é definida como um instrumento, um meio para um fim que é beneficiar a vivência humana em seu dia-dia. Podemos citar como exemplo, o machado, o celular, o talher, a sacola, enfim, há inúmeros exemplos sobre as invenções humanas que nos auxiliam em nosso dia-dia, Galimberti afirma que a técnica é: “(...) comumente considerada uma “ferramenta” à disposição do homem” (GALIMBERTI, 2015, p.3). A técnica deriva do

anseio humano pelo domínio, pela produção. Mas, dizer que ela é um instrumento, uma ferramenta humana é uma explicação rasa que não nos dá um entendimento sobre sua essência, em outras palavras, não é uma explicação filosófica. A técnica desde o período grego antigo, tem-se uma ideia de criação, produção humana para um determinado fim, mas o que realmente é a técnica? Por que dizer que ela é um instrumento é uma explicação superficial?

Heidegger buscou entendimento sobre a técnica, isto é, fez uma reflexão filosófica sobre ela, percebeu que denomina-la como um mero instrumento não estava completamente equivocado, mas não explicava sua essência. Quando Heidegger busca entender a técnica, ele não busca uma resposta técnica, mas um entendimento sobre sua essência que não é algo técnico, como ele mesmo dissera em um de seus ensaios: “(...) a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico.” (HEIDEGGER, 2012, p.11). O filósofo alemão buscou um entendimento sobre a evolução tecnológica que a modernidade sofrera e seus impactos no sujeito e na natureza, evolução tal que segundo ele, transformou a natureza em fonte de energia, mas até chegar a essa conclusão ele investigou a técnica desde o período grego antigo, portanto, em sua análise, ele faz a distinção entre a técnica grega antiga e a moderna. A técnica grega estava muito relacionada à criação produtiva, isto é, extração de algo da natureza com a obtenção de algo que auxiliava e trazia algum benefício à vida do homem, como a criação de uma cadeira através de madeiras obtidas por troncos de árvores, por exemplo. Na técnica grega, a natureza não sofria nenhuma transformação, isto é, continuava sendo o que ela era sem se torná-la fonte de energia, não era explorada de uma forma gananciosa, mas subtraída para um determinado fim, ela era respeitada com todos seus atributos ecossistêmicos. Em contrapartida, vemos na modernidade que a técnica tinha como objetivo controlar, subtrair os insumos energéticos da natureza, seu objetivo não era só a criação como na grega, mas um desafio, uma provocação, um controle sobre a natureza para o alcance de recursos industriais para inovar cada vez mais o mercado industrial, em poucas palavras, buscava-se a produção pela produção, sobre a técnica moderna ressalta Heidegger: “Tudo agora depende de se pensar a produção e o produzir em toda a sua amplitude (...)” (HEIDEGGER, 2012, p.16). De certo que há algo novo em relação a técnica moderna se comparada com a grega, já não estamos de frente de um tronco de árvore se

tornando uma cadeira, mas na criação de jatos, máquinas, usinas, turbinas, geradores, há uma energização do mundo através da natureza. Mas, o que isso tem a ver com a essência da técnica?

Já ressaltamos a distinção entre a técnica grega para a moderna, resta aqui salientarmos sobre a essência da técnica. Há uma coisa que relaciona a técnica grega da moderna, a produção. A produção está interligada ao desvelamento, essa é a essência da técnica: o desvelamento, desocultamento ‘*ἀλήθεια*’², mas o que quer dizer desocultamento em relação a técnica? Revelar aquilo que estava oculto, a técnica tem muita semelhança com o desvelamento (aletheia), pois traz a realidade aquilo que estava encoberto. Uma árvore tornar-se uma mesa é um modo de desvelamento, como disse Heidegger: “O que a essência da técnica tem a ver com descobrimento? Resposta: Tudo. Pois é no descobrimento que se funda toda a produção. (...) A técnica é uma forma de desencobrimento.” (HEIDEGGER, 2012, p.17). Tanto a técnica antiga, a grega, quanto a técnica moderna contemporânea de Heidegger, possuem o sentido de desvelamento e experimentação do homem com suas criações de objetos através da extração da natureza, diz Leopoldo que: “(...) é preciso mostrar ainda que essa compreensão da técnica, de matriz grega, continua valendo para a técnica na sua acepção moderna, isto é, na relação que mantém como a ciência experimental.” (LEOPOLDO, F. 2007, p.370).

A inovação está na mudança da cosmovisão moderna ao enxergar a natureza como fonte de energia, extinguindo o ciclo biológico da natureza. Essa mudança fez com que o filósofo denominasse seu período como o “Mundo da técnica” que também pode ser traduzido como “globalização”, segundo Heidegger, o mundo técnico moderno se enquadrou no mecanismo tecnicista de produção. Por isso, ele diz que a essência da técnica moderna é o “*Gestell*”, uma armação, um esqueleto, o mundo passou de ser um objeto contemplativo e se tornou um dispositivo calculista. O homem que tinha o domínio sobre a técnica e respeitava a natureza passou a ser explorado pela mesma, o mundo técnico, a globalização o absorveu levando consigo sua autonomia,

² Palavra de origem grega que traduzida significa “aletheia” e que está relacionada com a verdade.

(...) o próprio ser humano é jogado para dentro deste projeto técnico-maquinal de controle e domínio das coisas estando, assim como as coisas, disponível para ser encomendado e usado com máxima eficiência. (...) O mundo humano transformou-se em um universo técnico, no qual estamos presos. (ROCCO, R. 2006, p.33-34)

Heidegger, em seu diagnóstico filosófico e social, alertou que o mundo moderno estava preso a uma engrenagem tecnicista, ou seja, salientou que a técnica tinha passado a dominar o homem. O homem, agora, se tornou sujeito de sua provocação (produção desacerbada). Com ênfase no pensamento de Heidegger, diz Umberto Galimberti: “(...) o homem executa o papel de “funcionário” de seus equipamentos (...) a pergunta não é mais “o que podemos fazer com a técnica”, mas sim “o que a técnica pode fazer conosco”.(GALIMBERTI, 2015, p.3). Importante ressaltar que Heidegger não é um tecnofóbico, isto é, não tem um preconceito em relação a técnica, como já foi dito, ele procura refletir, fazer uma crítica sobre a técnica moderna.

2. A TÉCNICA NEOLIBERAL EM BYUNG-CHUL HAN

Será que a mesma técnica que Heidegger problematizou em sua produção filosófica presente no período do capitalismo clássico é a mesma do capitalismo tardio neoliberal dos dias de hoje? Sua fundamentação consegue nos elucidar sobre a entrada da técnica na psique do indivíduo fazendo-o produzir cada vez mais? Nos explica sobre o fenômeno dos discursos motivacionais que extingue o limite biológico e psíquico do indivíduo?

Segundo o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, nós vivemos uma nova era da técnica. Byung-Chul Han é um herdeiro do pensamento heideggeriano, já que Han também afirma que vivemos no mundo da técnica e que ela absorveu os indivíduos e suas singularidades. Mas estamos diante de uma nova técnica. Segundo o sul coreano, a técnica neoliberal manipula a psique do indivíduo, para ele, vivemos hoje um período chamado de psicopolítica. A

psicopolítica é a aplicação da técnica contemporânea que tem como maior objetivo o desempenho e produção do indivíduo. Em sua análise social e filosófica, Han procura fazer um rompimento entre a sociedade do século passado para a sociedade contemporânea. Essa mudança consiste tanto no âmbito social entre as relações humanas quanto do indivíduo para consigo mesmo, ou seja, com sua psique. Segundo o filósofo, estamos na sociedade do cansaço, do desempenho, não somos mais sujeitos da obediência de submissão a outrem, não precisamos de vigilantes para nos observar e punir pois, na era do cansaço, somos nós mesmos os próprios vigilantes e nossos próprios empresários,

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmo. (HAN, B. 2017, p.23-24).

Em sua obra "Psicopolítica", o ensaísta expõe como o *neoliberalismo*³ usa novas técnicas de poder para tornar o indivíduo mais eficiente em sua produtividade, seja nos discursos ou no sentimento de liberdade, digo sentimento porque não é realmente uma liberdade, mas apenas uma sensação dela, pois:

(...) ser livre significa originalmente estar com amigos (...) palavra liberdade é uma palavra relacional (...) o sujeito neoliberal como empreendedor de si mesmo é incapaz de se relacionar livre de qualquer propósito. (...) o sujeito do desempenho que se julga livre, é na realidade um servo. (HAN, B. 2020, p.10-11).

A técnica neoliberal imposta em nossa sociedade, nos discursos principalmente, fez do indivíduo se tornar uma máquina de produção, sumindo sua subjetividade e a alteridade, aqui está uma das relações com o pensamento heideggeriano: a perda da autonomia do homem frente

³ Ideias políticas e econômicas que buscam o desaparecimento das intervenções do estado, Han denomina como mutação do capitalismo em: (Psicopolítica, Belo Horizonte, 2020, p.14)

a técnica. O filósofo afirma que os objetos técnicos do século XXI como: os smartphones, tablets, big datas, e todos os atributos da era digital tornaram-se superiores ao controle humano e que esses objetos são hoje, mais transparentes do que eles, para Han:

Nenhuma coisa porém é livre: todavia, é mais transparente do que uma pessoa. Cada dispositivo, cada técnica de dominação, produz seus próprios objetos de devoção, que são empregados para submissão, materializando e estabilizando a dominação. (HAN, 2020, p.23).

Assim como Han, o cantor brasileiro Caetano Veloso também percebeu a influência da técnica digital em nossas vidas, em sua música “Anjos Tronchos” lançada no final de 2021, Veloso em um trecho diz: “(...) Agora a minha história é um denso algoritmo/ Que vende venda a vendedores reais/ Neurônios meus ganharam novo outro ritmo/ E mais e mais e mais e mais e mais.”

A técnica neoliberal de imposição de desempenho através dos discursos positivos e o sentimento de liberdade fez-se emergir novas doenças, tais como: o burnout, TDAH, depressão, transtornos de ansiedade, Han afirma que: “(...) a técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório.” (HAN, B. 2017, p.31). Grande parte desses discursos positivos e imposições produtivas da sociedade do desempenho advém do fenômeno contemporâneo: os coaches, os treinadores. É muito comum observamos em nossas redes sociais ou até palestras em ambientes corporativos os jargões do tipo: “Trabalhe enquanto eles dormem”, “Você nasceu um vencedor”, “Se tu lutas, tu conquista”, “Seja você o seu próprio líder”, são frases positivadas que deturpam a limitação do homem, não apresenta a negatividade para se ter uma alteridade, isto é, aquilo que é necessário para ter acesso ao outro, a técnica neoliberal faz o homem fechar-se consigo mesmo em vista de uma maior eficiência produtiva, diz Han:

(...) nesses últimos tempos tem surgido diversos discursos sociais que se servem nitidamente de modelos explicativos imunológicos (...) o desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividade.” (HAN, 2017, p.9).

Tendo em vista que vivemos numa sociedade da técnica neoliberal com uso de discursos motivacionais e um sentimento de liberdade do indivíduo, técnicas que busca como finalidade um maior desempenho dos indivíduos como diagnostica Byung Chul Han sobre nossa contemporaneidade. É possível relacionarmos com o fenômeno religioso contemporâneo neopentecostal? Tal fenômeno religioso que seus líderes, em sua maioria, também são coaches, fazem sermões temáticos onde a espiritualidade se abraça com o desempenho. Será que existe alguma aplicação da técnica neoliberal na terceira onda do pentecostalismo?

3. NEOPENTECOSTALISMO

O neopentecostalismo como seu próprio prefixo sugere (neo), nos remete a algo inovador, ou seja, é uma nova onda do pentecostalismo. Precisamos fazer certas delimitações na pesquisa, por isso, restringiremos o apanhado histórico do neopentecostalismo e faremos apenas sua relação com as técnicas neoliberais. Uma das características do neopentecostalismo é as contínuas atualizações das campanhas e também os discursos empoderadores, pois há no neopentecostalismo uma espécie de concorrência denominacional para ganhar novos fiéis, sendo assim, cria-se campanhas uma maior que a outra, líderes ganham nomes mais poderosos do que de seus “concorrentes” como bispos, apóstolos, anjos entre outros, segundo Ivan de Oliveira:

(...) a autoridade e o poder das lideranças, que são geralmente alcunhadas de “anjos”, “apóstolos”, “bispos”, “mensageiros de Deus e congêneres. Essa superioridade de poder religioso instiga (...) superioridade espiritual (...) contra todos os possíveis adversários ou concorrentes. (...) A disputa entre as organizações religiosas de cunho neopentecostal tem criado a necessidade, por parte delas, da utilização de técnicas ativas (e até mesmo agressivas) para captação de novos adeptos.” (OLIVEIRA, Ivan. 2013, p.74-75)

Como já dito, Byung-Chul Han busca uma compreensão do presente, ou seja, do neoliberalismo do século XXI que manipula a psique do indivíduo o tornando senhor de si mesmo e de seu desempenho. Mas, afinal, como as técnicas neoliberais ditas por Han se aplicam diretamente ao neopentecostalismo?

Expusemos nesta pesquisa que Byung-Chul Han denomina nossa contemporaneidade como o período da positividade e a ausência da negatividade. Essa positividade está presente principalmente nos discursos. Segundo Han (2017), a origem dos discursos de positividade ficou explícita na campanha presidencial de Barack Obama com sua famosa frase: “Yes, we can”, o “sim, nós podemos”, esse pequeno e aparentemente discurso inofensivo, por detrás, remete a um novo modelo de sociedade são discursos de imposição motivacionais, estamos aqui na era dos coachs e da positividade. Essas características se faz presente também nas igrejas protestantes, mais especificamente nas denominações neopentecostais. Segundo o artigo crítico ao movimento neopentecostal, publicado pela Primeira Igreja Batista de Passo Fundo (PIBPF):

é possível perceber os discursos de motivação nas igrejas, como: “Deus te deu potencial e tudo o que você precisa para liberar esse potencial é acreditar em si mesmo”, “Tenha uma grande visão e viva essa grande visão.”, “Você deve ser um homem ou uma mulher de futuro e o céu será o limite para você” “Não deixe que seus fracassos passados obstruam seu caminho para o sucesso.”, “Você é cabeça, não cauda”. (PIBPF)

Das incessantes campanhas semanais, vigílias de oração com títulos e objetos prometedores de sucesso, ascensão de coachs espirituais dentro das igrejas e consumismo advindo de objetos ungidos garantidores de cura, libertação e emancipação financeira, características religiosas que “dançam” com o neoliberalismo. Han, já afirmara em sua obra “Sociedade do cansaço” sobre as mudanças religiosas no mundo do desempenho: “(...) as religiões enquanto técnicas fanáticas, suprimindo o medo da morte e produzindo um sentimento de duração, tornaram-se obsoletas.” (HAN, 2017, p.44). Por isso, podemos sim relacionar o neopentecostalismo com o neoliberalismo dito por Byung-Chul Han, semelhança tal que não se limita apenas no advento do mesmo período histórico, mas também nas aplicações técnicas, discursivas, impositivas de desempenho, pois assim como os produtos prometedores de sucesso pelas publicidades, os discursos empoderadores nos ambientes corporativos ou nos cursos do neoliberalismo, há tangências com as práticas nas igrejas neopentecostais, seja nos produtos através das “*megas campanhas*” que prometem sucesso pessoal ou nos discursos

empoderadores. O fato é que tanto no mercado neoliberal como nas igrejas neopentecostais há atualizações constantes, seja nos discursos ou nos produtos prometedores de sucesso e Han já resultara criticamente sobre essa questão de nossa contemporaneidade: “Nada promete duração e subsistência” (HAN, 2017, p.44), já afirmara o falecido Zygmunt Bauman que vivemos tempos líquidos onde nada foi feito para durar.

Mas, afinal, como sair desse mundo da técnica e de discursos motivacionais que estão em toda nossa sociedade e que vemos que também estão entrando nas igrejas protestantes? Cabem aqui as palavras de Heidegger com seu conceito de “*serenidade*” e de Byung-Chul Han em “*fechar os olhos*”. Heidegger, disse que há uma saída para o mundo da técnica moderna que provoca a natureza e faz o homem se tornar sujeito dessa realidade globalizada, a escapatória estaria na serenidade que nada mais é do que a reflexão, o exercício do pensar, afinal, no mundo da técnica, diz Heidegger: “(...) somos muitas vezes pobres em pensamentos; ficamos sem pensamento com demasiada facilidade. A ausência de pensamentos é um hóspede sinistro, que no mundo atual, entra e sai em toda parte.” (HEIDEGGER, 2000, p.11). O objetivo de Heidegger é preparar o homem para os avanços tecnológicos, pois sem a reflexão frente a tecnologia, o homem, reitera o alemão: “(...) estaria assim entregue, de forma indefesa e desamparada, a prepotência (*ubermacht*) imparável da técnica.” (HEIDEGGER, 2000, p.22). E há também a proposta de Han frente a esse mundo técnico contemporâneo de manipulação psíquica, individualista sem o respeito à alteridade buscando cada vez mais eficiência e desempenho do indivíduo, a saída estaria em: fechar os olhos, no silêncio, pois na era das redes, dos discursos e gritos por mais desempenho, carecemos desses atributos essenciais a vida humana e por isso, nos adoecemos, diz Han: “A subjetividade só é alcançada em um estado de silêncio (fechar os olhos significa trazer a imagem á fala no silêncio.” (HAN, 2021, p.14-15). Em ambos podemos perceber que para sairmos desse conglomerado técnico é necessário o desprendimento técnico.

CONCLUSÃO

Em suma, expusemos o pensamento heideggeriano sobre a técnica e a distinção entre a grega que tinha uma responsabilidade ambiental em sua produção e a técnica moderna que transformou a natureza em fonte de energia, extinguindo o ciclo natural ecossistêmico em vista de uma evolução tecnológica, o mundo globalizado. Vemos que esse mundo globalizado fez o sujeito desaparecer na visão do filósofo alemão, o mundo da técnica transformou o homem em sujeito. Mais adiante, salientemos que Byung-Chul Han, filósofo sul coreano é um herdeiro do pensamento heideggeriano e que ao analisar o presente, afirma que também vivemos no mundo da técnica e que ela, como já tinha ressaltado Heidegger, obstruiu a subjetividade do ser e o sumiço do outro (alteridade) o tornando senhor de si mesmo positivado, sempre em busca de um maior desempenho, vemos também que os principais personagens dessa era do cansaço com discursos positivos que potencializa a performance e eficiência do indivíduo para produzir cada vez mais são os coachs. Após isso, fizemos uma aplicação do pensamento do coreano no neopentecostalismo, vemos que há muitas semelhanças entre os discursos imperativos positivos dito por Han com a nova onda do protestantismo. Ao final, demos as propostas dos filósofos para sairmos desse mundo técnico: a serenidade e o fechar os olhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COCCO, Ricardo. **A questão da técnica em Martin Heidegger**. Controvérsia, n.1, p.34-54, 2006.
- GALIMBERT, Umberto. **O ser humano na idade da técnica**. Unisinos: IHU ideias, 2015.
- HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2 edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2017 HAN, B. HAN, B. C. **Psicopolítica**. Belo Horizonte, Ed. Âyné, 2020
- HAN. B. **Favor fechar os olhos**. Petrópolis, Ed Vozes, 2021.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Instituto Piaget, Lisboa, 2000
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 8 edição, Petrópolis – RJ, 2012
- LEOPOLDO, Franklin. **Martin Heidegger e a técnica**. Documentos científicos, São Paulo,

n.3, p.369-74, 2007.

OLIVEIRA, Ivan. **Mercantilização de sagrado**. São Paulo, Ed. Reflexão, 2013